



Aracy Cortes, aos 80 anos: 'Linda flor' sobe de novo ao palco



"A lançadora disso tudo que está aí sou eu"

"Nunca precisei ser corista, já entrei estrelinha"



Aracy Cortes e Marília Barbosa: companheiras de show

SHEILA KAPLAN

Durante o ensaio, na Sala Funarte Sidney Miller, do espetáculo "Linda flor", que estréia hoje, às 18h30m, e fica em cartaz até dia 7, Aracy Cortes, sentada na primeira fila da platéia, assiste à cantora Marília Barbosa acompanhada do conjunto Chorando Baixinho, interpretar alguns de seus maiores sucessos. Músicas que ela lançou, como "Ai loió", de Luiz Peixoto e Henrique Vogeler; "Jura", de Sinhó; "Carinhoso", de Pixinguinha e João de Barro (cujas primeira letra era de sua autoria); "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso; "Flor do lodo", de Ari Mesquita; "Na Pavuna", de Almirante; e "Os rouxinóis", de Lamartine Babo. Vestido estampado, um pou-

quinho de *rouge* no rosto bem marcado — o espetáculo, dirigido por Arthur Laranjeira, é uma homenagem a seus 80 anos — Aracy aplaude ao fim de cada canção, elogia, opina. "Tem que se remexer mais", diz para Marília Barbosa, que, ao descer do palco, revela: "você não sabe como é difícil cantar para você, Aracy, fiquei geladinha".
O frio sentido pela cantora se explica: Aracy é uma lenda na história da música brasileira. Zilda de Carvalho Espinola, seu nome verdadeiro, estreou aos 16 anos no Circo Democrata, lançada pelo palhaço e ator Benjamin de Oliveira. Do circo, ela foi para a revista — o primeiro sucesso foi com "Secos e molhados" — e logo se transformou em estrela. "Nunca precisei ser corista", conta, "já entrei estrelinha". Ela já era bastante conhecida quando, em 1928, na revista "Miss Brasil", no Teatro Recreio, cantou "Ai loió" — que chama hoje de

"hino da música brasileira" — e o público delirou. Esta música já tinha sido apresentada por outros intérpretes, com duas letras diferentes — o nome original era justamente "Linda flor" — sem alcançar repercussão. Ao lançar "Ai loió", Aracy lançava também um gênero musical, o sambacção. No mesmo ano, a cantora faz novo sucesso, com "Jura", mostrada ao público na revista "Microlândia", no Teatro Fênix.
Pioneira, Aracy ousou cantar samba num tempo em que, como ela diz, "só se cantavam operetas ou música americana". Lançando também compositores (como Assis Valente), encantando platéias de outros países (principalmente, Argentina e Portugal), ela teve sua fama reconhecida por inúmeros títulos de rainha (do rádio, das atrizes, dos brilhantes, e até imperatriz — da Praça Tiradentes — ela foi eleita).

Toda essa majestade, contudo, ficou para trás. A Aracy que sobe hoje ao palco da Funarte — ela divide o repertório com Marília Barbosa, interpretando "Gosto que me enrosco", "Moreno", "Eu sei", "Harmonia das flores" e "Balaninha" — é uma mulher amargurada pelo esquecimento público. Não propriamente dos fãs, que estes, em suas muitas idas e vindas desde o início de carreira, lhe têm permanecido fiéis. O esquecimento que a magoa — embora ela ainda guarde a irreverência de antigamente, tendo sempre um chiste, entremeado de palavrões, a dirigir a cada um — é o que se traduz na vida que leva hoje; mora sozinha num quarto de pensão em São Cristóvão, recebendo unicamente uma pensão de dois salários mínimos, conseguida por Levi Neves, ex-Presidente da Assembleia Legislativa do então Estado da Guanabara. A aposentadoria por que luta há

oito anos ainda não foi conseguida, sob a alegação de falta de comprovação de seus anos de trabalho. "Só falta o João assinar, e agora ele vai sair, não vai?", se aflige Aracy, referindo-se ao Presidente da República. Ela, no entanto, não gosta muito de falar no assunto:
— Ficam me perguntando onde moro. E só para bisbilhotar, para especular. No meu tempo, o INPS não existia. Depois, os empresários descontavam de mim e não me pagavam.
E, no entanto, foram (e são, como mostra o espetáculo que estréia hoje) mais de 60 anos de atividades. Valeu a pena? Ela hesita um pouco, mas quando responde é enfática:
— Valeu e vale até hoje. As pessoas que me estimam, esse público gostoso que é minha família, não tenho queixas do público de jeito nenhum. Só muito carinho e muito amor.

Apesar disso, quando indagada sobre que conselho daria às cantoras que estão iniciando, diz de imediato: "que não comecem". A Marília Barbosa, porém, incentiva: "ela tem tudo para vencer, é só não se encher de vento e de certas conversas". Grande admiradora de Clara Nunes, Aracy destaca entre os intérpretes modernos o cantor Agnaldo Timóteo. Sobre a música popular que se faz e canta hoje, diz:
— A lançadora disso tudo que está aí sou eu. Sou a raiz, tudo saiu de mim.
Na próxima terça-feira, dia 3 de abril, a Funarte lança o livro "Aracy Cortes — linda flor", de Roberto Ruiz, e um disco, de mesmo nome, produzido a partir do aproveitamento de matrizes antigas cedidas pelo pesquisador Jairo Severiano. O elepê inclui, ainda, uma gravação ao vivo do espetáculo histórico da cantora com Jacobo do Bandolim, no Teatro Jovem, em 1965.